

## CRENÇAS E ATITUDES DOS ATLETAS UNIVERSITÁRIOS FACE À VIOLÊNCIA SEXUAL NO NAMORO

Judite Peixoto, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, juditepeixoto@gmail.com  
Carla Machado, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, mmatos@psi.uminho.pt  
Marlene Matos, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, mmatos@psi.uminho.pt

**Resumo:** Nos últimos anos tem aumentado o interesse da investigação empírica pelo papel dos atletas universitários na perpetração de atos de violência sexual contra as mulheres. Estudos internacionais apontam consistentemente para a sobre representação dos atletas universitários como perpetradores frequentes de agressões sexuais nas relações de namoro. Assim, a participação atlética parece desempenhar um papel significativo na adesão a mitos socioculturais e a atitudes estereotipadas de género, assumindo-se como um importante preditor para a prática de atos sexualmente abusivos. Com este estudo exploratório procurámos analisar as diferenças entre dois grupos de estudantes universitários do sexo masculino, atletas e não atletas, quanto ao grau e tipo de crenças de tolerância/aceitação face à violência sexual no contexto das suas relações amorosas não conjugais (namoro). Para tal, utilizámos a Escala de Crenças sobre a Violação, que foi administrada a uma amostra total de 100 participantes do sexo masculino (50 atletas - praticantes de modalidades desportivas de contacto -, e 50 não atletas). Os resultados obtidos indicam que os atletas universitários não apresentam níveis globais superiores de legitimação da violência sexual na intimidade, embora evidenciem, tal como os não atletas, um nível médio superior de legitimação da violência sexual em torno do fator *consentimento feminino*. Este dado corrobora a asserção de que há uma dificuldade significativa em se perceber os contactos sexuais ocorridos na intimidade como podendo ser não consentidos e em se culpabilizar as mulheres pela sua ocorrência, aumentando assim a probabilidade de perpetração de atos sexuais abusivos. É, assim, importante desenvolver-se, futuramente, programas educativos de prevenção da violência sexual no namoro focados nas dimensões cognitivo-atitudinais, dirigidos à população universitária atlética.

**Palavras-chave:** violência sexual, namoro, atletas universitários, mitos socioculturais, crenças, atitudes

### Introdução

A violência sexual no namoro - enquanto conduta sexual não consentida que pode compreender contactos indesejados, coerção para a prática sexual, tentativa de violação e violação (Schwartz & DeKeseredy, 1997) - é uma problemática com indicadores de incidência e prevalência cada vez mais preocupantes (e.g., Banyard, Plante, & Moynihan, 2004; Caridade & Machado, 2008), assumindo-se como mais uma forma de violência em que as mulheres são o alvo preferencial (Paiva & Figueiredo, 2004). Segundo Mitchel (1994, citado por Machado, Matos, & Moreira, 2003), 22% das mulheres questionadas acerca de experiências de vitimação sexual relataram ter sido forçadas à prática de atos sexuais indesejados pelos seus namorados. O estudo de Koss, Gidycz e Wisniewski (1987, citado por

Schwartz & DeKeseredy, 1997) foi pioneiro e significativo nos resultados que obteve, principalmente: 95% das violações envolvem um único agressor; 84% das vítimas conhecem o perpetrador; 57% dos violadores são os próprios namorados.

Nas últimas décadas, um corpo extenso de investigação empírica (e.g., Brownmiller, 1975; Burt, 1980; Truman, Tokar, & Fisher, 1996) tem vindo a preconizar a influência de fatores disposicionais e socioculturais, como os mitos sobre a violência sexual e as atitudes sexistas, na assimetria de géneros associada à perpetração de comportamentos sexualmente violentos. De acordo com a perspectiva feminista (e.g., Brownmiller, 1975), os papéis estereotipados de género e as normas sociais patriarcais que orientam o comportamento de homens e mulheres no contexto relacional e interpessoal (e.g., “os homens são dominadores e agressivos” e as “mulheres são passivas, dependentes e submissas”) potenciam a criação de mitos socioculturais (e.g., “A forma como uma mulher se veste ou age indica que ela deseja o contacto sexual”) e outras atitudes sexistas que favorecem a prática de atos de violência sexual contra as mulheres (Truman, Tokar, & Fisher, 1996). Neste sentido, Lonsway e Fitzgerald (1994) definiram os mitos associados à violência sexual como *“as atitudes ou crenças que, genericamente, são falsas, muito embora sejam toleradas de forma persistente, por uma grande percentagem da população e que servem para negar ou justificar a agressão sexual do homem sobre a mulher”* (p. 134), assumindo-os como fortes preditores para a agressão sexual das mulheres. Um pressuposto básico relativamente à violência sexual sobre as mulheres parece ser pois o de que quanto maior for o grau de adesão às noções socioculturais de masculinidade, maior será a tendência para a vitimação sexual das mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1994), especialmente no contexto das relações íntimas. Assim, estas crenças e atitudes sexistas, decorrentes do processo de socialização dos papéis de género tradicionais (Berkowitz, 1992), assumem-se como fatores responsáveis pela sexualidade

coerciva dos homens e pela grande tolerância social face à violência no contexto das relações íntimas.

Estudos realizados sobre esta problemática em contexto universitário têm alertado para a existência de subculturas sexistas ou grupos de risco específicos para a perpetração de atos de violência sexual sobre as mulheres entre a população universitária, como as associações estudantis e os atletas universitários (McMahon, 2007), pela “cultura da hipermasculinidade” que veiculam e pelos modelos legitimadores de comportamentos sexualmente coercivos que fornecem (Rozee & Koss, 2001). Neste sentido, várias investigações internacionais (e.g., Dyson & Flood, 2008; Smith & Stewart, 2003) têm documentado que os atletas universitários têm maior probabilidade de cometer atos de violência sexual contra as mulheres. Há, também, dados empíricos que documentam a maior aceitação de mitos sobre a violação por parte dos atletas universitários, em comparação com outros grupos de estudantes. No estudo de Boeringer (1999), por exemplo, os homens atletas concordavam com 56% dos mitos sobre a violação, em comparação com 8% dos mitos aceites pelos não atletas. Neste sentido, a literatura sustenta que a cultura atlética parece desempenhar um papel significativo na adesão a perigosos mitos socioculturais, legitimadores da violência sexual contra as mulheres, e no cometimento, mais frequente, de atos de violência sexual na intimidade (McMahon, 2004). O crescente reconhecimento social e científico deste problema a nível internacional, a par da escassez dos estudos conduzidos no nosso país, assumiu um papel determinante na eleição do tema “crenças e atitudes dos atletas universitários face à violência sexual no namoro” como objeto de estudo, no sentido de se perceber se este grupo apresenta níveis superiores de legitimação da violência sexual.

*Os atletas universitários como perpetradores: o poder dos fatores socioculturais na violência sexual contra as mulheres*

Nos últimos anos tem aumentado o interesse da literatura científica pelo papel dos atletas universitários na violência sexual contra as mulheres, apesar dos estudos neste domínio serem ainda escassos. Não obstante, tem-se assistido a um grande debate, na literatura internacional, sobre se os atletas têm, de facto, maior probabilidade de cometerem atos de violência sexual ou se estamos simplesmente perante uma publicidade especulativa em torno do seu estatuto e da sua visibilidade social (McMahon, 2007).

A investigação sobre a violência sexual na população universitária norte-americana caracteriza a maioria dos ataques sexuais como sendo do tipo *date or acquaintance rape*, ou seja, perpetrados por uma pessoa que as vítimas conhecem ou com quem mantêm uma relação amorosa (Rapaport & Burhardt, 1984, citados por Day, 1994). Este tipo de ataques sexuais envolve, frequentemente, álcool ou outras drogas ilícitas e ocorre na intimidade (Warshaw, 1988, citado por Day, 1994). A este nível, a evidência empírica sustenta que os atletas universitários se constituem como um grupo de alto-risco para a perpetração de violência sexual na intimidade, quando comparados com outros estudantes universitários (Day, 1994). O estudo de Crosset, Ptacek, McDonald e Benedict (1996) indica que, apesar dos atletas-estudantes da I Divisão constituírem apenas 3.3% do corpo estudantil, eles representavam 19% dos perpetradores de ataques sexuais. Por sua vez, Fritner e Rubinson (1993) obtiveram resultados ainda mais surpreendentes: apesar dos atletas constituírem menos de 2% do total dos estudantes universitários, eles representavam cerca de 22.6% dos perpetradores de relações vaginais, orais ou anais forçadas. De facto, há um corpo de estudos empíricos (e.g., Ehrhart & Sandler, 1992; O'Sullivan, 1991, citados por Crosset, Benedict, & McDonald, 1995) que, embora parco, concluiu que a pertença a grupos onde a segregação sexual existe (e.g., equipas atléticas, forças armadas, associações de estudantes) promove a aceitação de mitos

socioculturais e atitudes sexistas, favorecendo a prática de atos sexualmente violentos. Adicionalmente, a afiliação a desportos agressivos e competitivos, onde é permitido o contacto físico direto com os adversários - designados na literatura internacional como *contact sports* (e.g., futebol e basquetebol), por oposição aos *non-contact sports*, desportos em que não há o contacto físico direto com os adversários (e.g., voleibol e natação) -, parece correlacionar-se positivamente com taxas mais elevadas de legitimação e perpetração de ataques sexuais nas relações íntimas (Forbes, Adam-Curtis, Pakalka, & White, 2006). Neste sentido, Brown e Davis (1978, citados por Smith & Stewart, 2003) obtiveram, no seu estudo, indicadores de maior legitimação da violência sexual entre os atletas dos *contact sports* do que nos não atletas. Assim, parece haver uma evidente associação entre altos níveis de agressividade e a maior legitimação da violência sexual nos atletas de desportos de contacto do que nos atletas de desportos onde não há contacto ou nos não atletas. Há autores que designam os desportos de contacto como “bastiões de sexismo misógino” (Nelson 1994, p. 443, citado por Forbes et al., 2006), uma vez que predispõem os atletas para a adoção de atitudes genderizadas e, por conseguinte, para a prática de atos sexuais coercivos contra as mulheres. Os estudos com este grupo de estudantes universitários (Day, 1994) são unânimes em considerar que os homens atletas são socializados num ambiente de “masculinidade hegemónica” (Connell, 2005) que veicula, entre outros valores, controlo, força física, proeza sexual, submissão da mulher, competitividade, invulnerabilidade, homofobia e abertura à bebida, o que pode ter implicações ao nível dos seus relacionamentos amorosos. Além disso, o facto de os atletas pertencerem a um grupo leva a que se desenvolvam no seu seio atividades, códigos de linguagem, práticas e rituais que favorecem a legitimação da violência sexual contra as mulheres (McMahon, 2007). Nos treinos, cria-se um espírito de união, onde a submissão à norma grupal é prontamente aceite, mesmo quando esta se apresenta como ilegal, perigosa e imoral. Os valores grupais desenvolvidos no seio da equipa e o suporte dos pares

encorajam os atletas a assumir uma atitude de domínio, poder e controlo sobre as mulheres, tratando-as como meros objetos de conquista (Messner, 1992, citado por Schwartz & DeKeseredy, 1997). Neste sentido, Russell (1983, citado por Schwartz & DeKeseredy, 1997) defende que o trabalho para tornar os atletas competitivos, agressivos e dominantes dentro de campo pode levar a um aumento destes comportamentos fora do mesmo, no contexto das suas relações amorosas.

### **Estudo empírico**

#### *Objetivos*

Este estudo empírico, de carácter exploratório, teve como objetivo primordial dar a conhecer a forma como os estudantes universitários do sexo masculino, praticantes de modalidades desportivas de contacto (designados neste estudo por *atletas universitários*), percebem a violência sexual contra as mulheres ocorrida no contexto de uma relação amorosa não conjugal (namoro), comparando-os com um grupo de estudantes universitários do sexo masculino, não praticantes de qualquer modalidade desportiva de competição (sendo designados por *não atletas*). Especificamente, pretendemos:

- a) caracterizar e mapear as crenças e atitudes dos *atletas universitários* e dos *não atletas* em relação à violência sexual no namoro, através da identificação do grau de tolerância/legitimação da violência sexual, em termos globais e da tipologia de crenças;
- b) identificar e analisar as possíveis diferenças entre *atletas* e *não atletas* universitários, em termos de crenças e atitudes em relação à violência sexual no namoro.

### **Método**

#### *Participantes*

O presente estudo foi realizado com uma amostra de conveniência de 100 estudantes universitários do sexo masculino. Estes participantes integraram dois grupos, equiparados em

termos de características sociodemográficas (sexo e idade) e formativas (tipo de curso e ano de formação). O grupo de atletas universitários foi constituído por 50 sujeitos, praticantes de 4 modalidades desportivas de competição, na vertente *contact-sports*, designadamente: 14 praticantes de futsal, 11 de basquetebol, 13 de andebol, 6 de pólo aquático e 6 de judo. As suas idades variaram entre os 18 e os 38 anos, sendo a média 22.92 e o desvio-padrão 3.61. A média de ano de formação foi 1,18 ( $DP=0.39$ ) e a maioria dos atletas ( $n=41$ , 82%) frequentava cursos do domínio das Ciências Exatas, sendo que apenas 9 atletas (18%) frequentam cursos do domínio das Ciências Humanas e Sociais. O grupo dos *não atletas* foi composto por 50 sujeitos, com idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos, sendo a média 22.26 e o desvio-padrão 2.73. A média de ano de formação foi 2,88 ( $DP=1.42$ ) e a maioria dos não atletas ( $n=41$ , 82%) frequentava cursos do domínio das Ciências Exatas, sendo que apenas 9 atletas (18%) frequentavam cursos do domínio das Ciências Humanas e Sociais.

#### *Material/Instrumento*

Para a recolha de dados utilizámos a Escala de Crenças sobre a Violação (ECV), um questionário de autorrelato, cuja versão para investigação foi elaborada por Machado, Gonçalves e Matos (2000). A ECV é constituída por 29 itens, relativos a mitos e crenças culturais sobre a violência sexual contra as mulheres, face aos quais os participantes se deveriam posicionar em termos de grau de concordância/discordância numa escala do tipo Likert de 5 pontos (em que 1 corresponde a “discordo totalmente”; 2 a “discordo”; 3 a “não concordo nem discordo”; 4 a “concordo”; e 5 a “concordo totalmente”). A nota total do questionário mede o grau de legitimação/tolerância face à violência sexual sobre as mulheres. Os 29 itens da escala correlacionam-se fortemente com o seu total (as correlações variam entre um mínimo de .41 e um máximo de .76). A consistência interna da ECV, obtida através do coeficiente *alpha* de Cronbach, é de .93. Através da análise fatorial prévia da ECV foram identificados 3 fatores (F) que explicam 53.5% da sua variância: F1 (15 itens) - “legitimação

da violação pelo consentimento feminino”, F2 (16 itens) - “legitimação da violação pelo comportamento sexual prévio da mulher” e F3 (7 itens) - “legitimação da violação pela normalidade do ofensor”.

#### *Procedimentos*

A recolha de dados compreendeu duas fases distintas. Numa primeira fase, foi solicitada a autorização para realização do estudo ao Departamento de Desporto e Cultura de uma Universidade do Norte do País e aos técnicos responsáveis por cada uma das modalidades desportivas de contacto que integraram a investigação. De seguida, procedeu-se à entrega e recolha do questionário junto do grupo dos “atletas universitários”, durante os treinos semanais das respetivas equipas. Numa segunda fase, após identificadas as variáveis sociodemográficas (idade) e formativas (ano e curso de formação) presentes no grupo dos atletas universitários, pedimos autorização aos diretores dos cursos dos estudantes universitários sem qualquer afiliação atlética (não atletas) para procedermos à administração do questionário, durante o tempo letivo, em contexto de sala de aula. A participação foi, em todos os casos, voluntária e a confidencialidade e anonimato foram assegurados. Os participantes dos dois grupos foram, previamente, informados acerca do objetivo do estudo a realizar e explicitou-se a importância da sua contribuição para o mesmo.

#### *Análise dos dados*

Os dados recolhidos foram analisados tendo por base o programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20.0 para Windows, com o qual se efetuaram análises descritivas e inferenciais. Dentro da análise descritiva dos resultados, os valores mínimos e máximos, indicativos do grau de legitimação da violência sexual em termos do total da escala e dos respetivos fatores, foram calculados com base nos níveis de concordância 1 e 5. A escolha do tipo de teste(s) estatístico(s) inferencial(ais) a utilizar decorreu da *Análise Exploratória dos Dados*. Assim, verificou-se que os pressupostos

subjacentes à utilização de testes paramétricos não estavam cumpridos, pelo que recorremos ao teste não paramétrico *Mann-Whitney* para amostras independentes, de modo a aferir a existência de diferenças entre os dois grupos de estudantes universitários do sexo masculino, atletas universitários e não atletas, em termos do grau de legitimação/tolerância e da tipologia de crenças face à violência sexual no namoro.

## **Resultados**

### *Crenças e atitudes face à violência sexual nas relações amorosas*

Uma análise global das crenças dos participantes sobre a violência sexual no namoro revela que ambos os grupos, atletas universitários e não atletas, evidenciam níveis reduzidos de concordância com os mitos socioculturais. As respostas dadas à ECV pelo grupo dos atletas universitários apresentam um nível médio de 58.98 ( $DP=15.26$ ), enquanto que as opções de resposta do grupo dos não atletas registam uma média de 61.2 ( $DP=22.18$ ). Estes dados indicam uma tendência de resposta no sentido do “discordo” por parte dos dois grupos em relação à generalidade dos itens que compõem a escala. Em relação a cada um dos fatores que integram o instrumento: (F1) *Legitimação da violação pelo consentimento feminino* (atletas universitários -  $M=33.94$ ,  $DP=9.53$ ; não atletas -  $M=34.56$ ,  $DP=13.24$ ); (F2) *Legitimação da violação pelo comportamento prévio da mulher* (atletas universitários -  $M=27.74$ ,  $DP=8.59$ ; não atletas -  $M=31.54$ ,  $DP=13.36$ ) e (F3) *Legitimação da violação pela normalidade do ofensor* (atletas universitários -  $M=14.10$ ,  $DP=3.32$ , não atletas -  $M=14.44$ ,  $DP=5.53$ ), todos revelam uma tendência de resposta no sentido da não legitimação da violência sexual. Não obstante, é possível observar-se, em ambos os grupos, um nível médio superior de legitimação nos itens relativos à *violação pelo consentimento feminino* (F1).

*Análise de diferenças de médias entre atletas universitários e não atletas em relação à legitimação da violência sexual no namoro*

A análise de diferenças de médias entre os dois grupos, realizada através do *Teste de Mann-Whitney* para amostras independentes -, indica que há homogeneidade nos resultados obtidos, não se registrando diferenças significativas entre atletas universitários e não atletas em relação ao nível global de legitimação da violência sexual,  $U = 1231$ ,  $p=.896$  (cf. Quadro 1). Quanto aos fatores da escala, verifica-se igualmente a ausência de diferenças grupais significativas no que concerne à *legitimação da violação pelo consentimento feminino* [(F1)  $U=1206.50$ ,  $p=.764$ ]; à *legitimação da violação pelo comportamento sexual prévio da mulher* [(F2)  $U=1088$ ,  $p=.264$ ]; e à *legitimação da violação pela normalidade do ofensor* [(F3)  $U=1249,50$ ,  $p=.997$ ] (cf. Quadro 1).

**Quadro 1.** Diferenças entre as médias dos grupos de atletas e não atletas em termos de nível global e fatores de legitimação face à violência sexual utilizando o teste não paramétrico *Mann-Whitney*

Escala de Crenças sobre a Violação	Atletas universitários (n=50)		Não Atletas (n=50)		U
	Média	DP	Média	DP	
ECV Total	58.98	15.26	61.20	22.18	1231
F1- Legitimação da violação pelo consentimento feminino	33.94	9.53	34.56	13.24	1206.50
F2- Legitimação da violação pelo comportamento sexual prévio da mulher	27.74	8.59	31.54	13.36	1088
F3- Legitimação da violação pela normalidade do ofensor	14.10	3.32	14.44	5.53	1249.50

## Discussão

Na globalidade, os dois grupos de participantes neste estudo, evidenciaram, ao nível cognitivo/atitudinal, um grau reduzido de suporte face às crenças socioculturais comumente utilizadas para justificar ou desculpar a violência sexual perpetrada pelo homem sobre a mulher, na intimidade. Não obstante, constatou-se que, tanto os atletas universitários, como os não atletas, apresentaram um nível superior de concordância com os mitos associados à violência sexual pelo *consentimento feminino*. Este dado corrobora a asserção de que parece

haver uma certa dificuldade dos homens em perceberem as agressões perpetradas no âmbito das suas relações amorosas como abusivas e, mais especificamente, em reconhecerem as relações sexuais forçadas como uma forma de violação (Muehlenhard, 1988, citado por Kuffel & Katz, 2002). Há ainda outros estudos (e.g., Garcia, 1998; Kopper, 1996, citados por Söchting, Fairbrother, & Koch, 2004) que documentam que muitos homens tendem a perceber as vítimas como provocadoras dos atos sexuais abusivos e, conseqüentemente, culpabilizam-nas por tais atos.

Ao nível das diferenças entre os dois grupos, verificou-se a ausência de diferenças significativas em termos do grau global de legitimação/tolerância face à violência sexual na intimidade e à tipologia de crenças sobre a violência sexual, não se confirmando a hipótese de níveis superiores de aceitação de crenças legitimadoras da violência sexual por parte dos atletas universitários. Assim, estes resultados podem, por um lado, corroborar a ideia da “sobre simplificação” da conceitualização dos atletas universitários como legitimadores da violência sexual (e.g., Smith & Stewart, 2003), assim como, por outro, apelam para a necessidade de se atender à heterogeneidade desta população, considerando-se a possível influência moderadora de variáveis como o historial de vitimação na infância, o consumo de álcool, a ideologia de masculinidade e as características de personalidade (Sawyer, Thompson, & Chicorelli, 2002).

O escasso corpo de estudos empíricos existente sobre este tema postula a existência de diferenças significativas entre atletas e não atletas, sugerindo, contrariamente aos nossos resultados, que a participação atlética, nomeadamente em modalidades de contacto (Smith & Stewart, 2003) se associa a um maior grau de adesão a mitos legitimadores da violação (e.g., Boeringer, 1999), sendo este um forte preditor para a prática de atos sexualmente violentos contra as mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1994).

Uma das possíveis alternativas para a explicação dos resultados obtidos diz respeito a uma limitação, crítica e problemática, normalmente presente em estudos quantitativos em que são utilizados, quase que exclusivamente, questionários de autorrelato – a desejabilidade social. Por conseguinte, há autores (e.g., McMahon, 2007) que sustentam que os estudos de *design* quantitativo tendem a documentar uma baixa aceitação de mitos socioculturais por parte dos participantes, contrariamente ao observado em investigações de *design* misto ou qualitativo (e.g., *focus group*, entrevista qualitativa). Neste sentido, a literatura veicula que quando o objeto de estudo é uma matéria tão problemática como a violência sexual contra as mulheres, os participantes podem sentir-se bastante relutantes face à revelação de informação tão sensível e indesejável socialmente (McMahon, 2004), mesmo quando a confidencialidade e o anonimato são assegurados.

Outro aspeto relevante prende-se com as diferenças existentes entre a cultura atlética no *campus* universitário norte-americano e a cultura em que insere a prática desportiva nas universidades portuguesas. De fato, a realidade desportiva norte-americana apresenta características (e.g., níveis mais elevados de competitividade e agressividade desportivas) que desempenham um papel explicativo preponderante na explicação da maior legitimação de crenças e mitos socioculturais e das elevadas taxas de perpetração da violência sexual entre os atletas universitários (Davis, 2000). De fato, Eskenazi (1990, citado por McMahon, 2004) sugere que não é a participação desportiva *per se* que torna os atletas mais propensos a legitimarem e cometerem atos de violência sexual, mas a forma como o desporto é organizado (cultura atlética) que influencia o desenvolvimento de atitudes sexistas e uma masculinidade hostil face às mulheres. Deste modo, torna-se importante analisar, de forma mais compreensiva, em futuras investigações, a relação entre cultura/afiliação atlética, masculinidade e violência sexual contra as mulheres (McMahon, 2004).

### Conclusões

Tal como mencionámos anteriormente, com este estudo pretendemos obter dados que nos permitissem produzir conhecimento sobre as perceções dos atletas universitários acerca da problemática da violência sexual na intimidade. Deste modo, objetivámos conhecer melhor a realidade no âmbito do desporto de competição no *campus* universitário português, para, no futuro, delinear programas educativos de prevenção focados na dimensão cognitivo-atitudinal junto desta população, considerada de alto-risco para a legitimação e perpetração de atos sexuais agressivos na intimidade (Day, 1994). Neste sentido, e apesar de os resultados obtidos não corroborarem os dados empíricos da maioria das investigações internacionais realizados em torno deste tema, consideramos importante que os esforços preventivos no que concerne à violência sexual no namoro, frequentemente encetados em contexto universitário, também se direcionem para os fatores de risco específicos de potenciais perpetradores desta forma de vitimação, como os atletas universitários. Desta forma, pretende-se atuar ao nível de um dos preditores mais significativos da violência sexual contra as mulheres, as crenças sexistas e misóginas que tendem a potenciar a probabilidade de o sexo masculino perpetrar violência sexual sobre as mulheres (Söchting et al., 2004).

No que se refere a investigações futuras sobre esta temática, consideramos importante o aumento dos estudos sobre a problemática da violência sexual na intimidade, junto de uma amostra representativa da população atlética do campus universitário português e com recurso a um *design* de investigação misto, de modo a deslindar e aprofundar as complexidades da hipotética relação entre participação desportiva, masculinidade e violência sexual. Consideramos assim que o presente estudo, apesar dos resultados obtidos e das limitações identificadas, poderá constituir-se como um pequeno, mas importante, passo no sentido de abrir caminho a futuras investigações sobre esta temática e, desta forma, contribuir para a prossecução do objetivo primordial a que nos propusemos inicialmente – compreender e

refletir acerca da relação entre a participação atlética masculina e as crenças e atitudes legitimadoras da violência sexual contra as mulheres na intimidade.

### Referências

- Banyard, V. L., Plante, E. G., & Moynihon, M. M. (2004). Bystander education: Bringing a broader community perspective to sexual violence prevention. *Journal of Community Psychology, 32*, 61-79.
- Berkowitz, A. (1992). College men as perpetrators of acquaintance rape and sexual assault: A review of recent research. *Journal of American College Health, 40*, 175-181.
- Boeringer, S. (1999). Associations of rape-supportive attitudes with fraternal and athletic participation. *Violence Against Women, 5*, 81-90.
- Brownmiller, S. (1975). *Against our will: Men, women, rape*. New York: Bantam.
- Burt, M. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology, 38*, 217-230.
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: A relevância da prevenção. *Psicologia, Vol. 22*(1), 77-104.
- Connell, R. W. (2005) Hegemonic masculinity - rethinking the concept. *Gender & Society, 19* (6), 829-859.
- Crosset, T., Benedict, J. & McDonald, M. (1995). Male student-athletes reported for sexual assault: a survey of campus police departments and judicial affairs offices. *Journal of Sport and Social Issues, 19*, 125-144.
- Crosset, T., Ptacek, J., McDonald, M., & Benedict, J. (1996). Male student-athletes and violence against women. *Violence Against Women, 2*, 163-179.
- Davis, T. (2000). Programming for men to reduce sexual violence. *New Directions for Student Services, 90*, 79-89.
- Day, K. (1994). Conceptualizing women's fear of sexual assault on campus: A review of causes and recommendations for change. *Environment and Behavior, 26*(6), 742-765.
- Dyson, S. & Flood, M. (2008). *Building Cultures of Respect and Non-Violence: A Review of Literature Concerning Adult Learning and Violence Prevention Programs with Men*. Melbourne: AFL and VicHealth. Acedido em 12 de Janeiro de 2011 em [http://www.afl.com.au/Portals/0/afl\\_docs/Building%20Cultures\\_of%20Respect.pdf](http://www.afl.com.au/Portals/0/afl_docs/Building%20Cultures_of%20Respect.pdf)
- Forbes, G. B., Adams-Curtis, L. E., Pakalka, A. H., & White, K. B. (2006). Dating Aggression, Sexual Coercion, and Aggression-Supporting Attitudes Among College Men as a Function of Participation in Aggressive High School Sports. *Violence Against Women, 12*, 441-55.
- Fritner, M.P. & Rubinson, L. (1993). Acquaintance rape: The influence of alcohol, fraternity membership and sports team membership. *Journal of Sex Education and therapy, 19*, 272-284.
- Koss, M. P. & Gaines, J. A. (1993). The Prediction of Sexual aggression by Alcohol Use, Athletic Participation, and Fraternity Affiliation. *The Journal of Interpersonal Violence, 8*, 94-10.
- Kuffel, S. W. & Katz, J. (2002). Preventing physical, psychological and sexual aggression in college dating relationships. *The Journal of Primary Prevention, 22*, 361-374.
- Lonsway, K.A. & Fitzgerald, L.F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly, 18*, 133-164.

- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. (2000). *Escala de crenças sobre a violação (ECV)*. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- McMahon, S. (2004). *Student-Athletes, Rape-Supportive Culture, and Social Change*. Department of Sexual Assault Services and Crime Victim, Rutgers, State University of New York. Acedido em 4 de Novembro de 2011 em [http://sexualassault.rutgers.edu/pdfs/student-athletes\\_rape-supportive\\_culture\\_and\\_social\\_change.pdf](http://sexualassault.rutgers.edu/pdfs/student-athletes_rape-supportive_culture_and_social_change.pdf)
- McMahon, S. (2007). Understanding community specific rape myths: Exploring student-athlete culture. *Affilia*, 22(4), 354-370.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Rozee, P., & Koss, M. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles*, 45, 103-115.
- Schwartz, M. D. & DeKeseredy, W. S. (1997). *Sexual Assault on the college campus. The role of male peer support*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Smith, D. & Stewart, S. (2003). Sexual Aggression and Sports Participation. *Journal of Sport Behavior*, 26, 384-395.
- Söchting, I., Fairbrother, N., & Koch, W. J. (2004). Sexual Assault of Women: prevention efforts and risk factors. *Violence Against Women*, 10, 73-93.
- Sawyer, R. G., Thompson, E. E., & Chicorelli A. M. (2002) Rape myth acceptance among intercollegiate student athletes: A preliminary examination. *American Journal of Health Studies*, 18(1), 19-25.
- Truman, D. M., Tokar, D. M., Fisher, A. R. (1996). Dimensions of masculinity: relations to date rape supportive attitudes and sexual aggression in dating situations. *Journal of Counseling and Development*, 74, 555-562.